

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

**ANDRÉIA SOARES GONÇALVES**

**A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS OBJETOS DO COTIDIANO**

**CRICIÚMA**

**2017**

**ANDRÉIA SOARES GONÇALVES**

**A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS OBJETOS DO COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Angélica Neumaier

**CRICIÚMA**

**2017**

**ANDRÉIA SOARES GONÇALVES**

**A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS OBJETOS DO COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Criciúma, 22 de junho de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup> Angelica Neumaier – Especialista em Ensino da Arte (UNESC) – Orientadora

Prof<sup>a</sup> Izabel Marcílio Duarte – Mestre em Educação (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Katiúscia A. Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem  
(UNISUL)

Aos meus pais João Carlos e Zenaide, meu  
namorado Mauro, minhas irmãs Alessandra e  
Adriana, meu sobrinho Carlos Henrique.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por me dar a oportunidade de estar concluindo esta fase da minha vida, sem ele não conseguiria, pois foi ele que me deu saúde, inteligência e perseverança para enfrentar todas as dificuldades no caminho. A Universidade do Extremo Sul Catarinense, pela oportunidade de realizar esse curso em um excelente ambiente, e disponibilizar ótimos professores para nos passar um ensinamento de qualidade. Um agradecimento em especial à professora Angélica Neumaier, por toda sua paciência, dedicação, ensinamento e carinho, me passando confiança para concluir este trabalho.

Gostaria de agradecer imensamente os meus pais, Zenaide e João Carlos, pelo apoio, carinho e amor, dado em todos os momentos que fiquei triste e pensei que não fosse conseguir. Minha irmã Adriana por sempre estar do meu lado, acreditando em mim, minha outra irmã Alessandra e meu sobrinho Carlos Henrique, por me fazerem sorrir nos momentos mais complicados. Não poderia deixar de agradecer meus amigos queridos que estão nessa caminhada comigo, Gislaine, Leisla, Elisabete, Bruna, Felipe, Jhonathan, Vinicius, vocês foram de extrema importância para mim nesses quatro anos, muitas risadas, muitas conversas na sala de aula, muito intervalos estendidos comendo porções de batatas fritas, muitos momentos bons que quero levar para sempre comigo, obrigada por cada segundo meus amigos.

Por último e muito importante na minha vida, quero agradecer muito meu namorado, Mauro, por não medir esforços para me ajudar, me compreender nos dias mais irritantes, nos dias de choros e desabafos de não vai dar tempo, obrigada por todo amor, carinho e dedicação.

“Você só tem uma vida, é sua obrigação viver o  
mais plenamente possível. ” (Jojo Moyes)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso insere-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas – Linguagens do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC e propõe discutir os objetos do cotidiano como uma forma de aproximação do público da arte contemporânea, mostrando maneiras diferentes para objetos que muitas vezes não são vistos como algo aproveitável ou que não tenham outra utilidade para além da que foram criados, também trago o início da história do objeto na arte, a visão de alguns autores sobre o assunto e artistas que se utilizam dessa linguagem para expressar seu trabalho. Os objetivos propostos nesse trabalho são aproximar o público da arte contemporânea através de objetos retirados do meu cotidiano mostrando as várias possibilidades que podem ser oferecidas no campo da arte, também faço menção através das minhas produções artísticas sobre as percepções que muitas vezes não exteriorizamos, às vezes estamos tão atarefados que não prestamos atenção no que o outro está sentindo e nem paramos para refletir nem sobre os nossos próprios sentimentos, a arte nos traz essa possibilidade de abordar todos os tipos de assuntos, visando desacomodar ou conscientizar o público. A partir do segundo capítulo trago o conceito de arte através dos estudos durante o curso de artes visuais, ainda no mesmo capítulo falei sobre o conceito de arte contemporânea e o objeto, com os autores Coli (1995) e o Huygle (1986). No terceiro capítulo destaco a história do objeto na arte, com os artistas Marcel Duchamp, Kato (2008) e Joseph Beuys, Farkas (2010). E no quarto capítulo trouxe três artistas que me influenciam enquanto artista, Elida Tessler, Roseli Nery e Elke Coelho. A finalização desse trabalho se dará na construção de três peças artísticas, onde utilizo os objetos, que além de fazerem parte do meu dia a dia, me remetem a lembranças de toda minha infância e me acompanham até os dias de hoje, são objetos usados no espaço têxtil, pois minha mãe é costureira e eu desde pequena, vejo-me rodeada de botões, linhas, agulhas e tecidos.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Objeto. Cotidiano.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mona Lisa, 1503. Leonardo da Vinci. Tinta a óleo. ....	16
Figura 2: A traição das imagens, 1929. René Magrite. Óleo sobre tela. ....	19
Figura 3: Marcel Duchamp - A Fonte. 1917. Ready-made, urinol invertido. 60 cm ...	19
Figura 4: Joseph Beuys – 10 Jahre Capital Kunstkompass. 1979. Cartaz .....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
Figura 5: Joseph Beuys – Holzpostkarte. 1974. Cartão postal de madeira.....	24
Figura 6: Falas Inacabadas, 2000. Elida Tessler. ....	26
Figura 7: Você me dá a sua palavra? Macapá - AP, 2004. Elida Tessler. ....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
Figura 8: Germinando, 2003. Roseli Nery. Botões brancos e fio de nylon. ....	30
Figura 9: Feixes, 2003. Roseli Nery. Alfinetes de costura, discos de esponja e acrílico. ....	31
Figura 10: Chuva, 2012. Elke Coelho. Alfinete, bijuteria, palavra datilografada, papel e prego. ....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 11: Acontecimento, 2012. Botão, alfinete, linha, palavra datilografada, papel e prego. ....	34
Figura 12: Esboço primeira produção .....	37
Figura 13: Esboço da segunda produção.....	38
Figura 14: Esboço da terceira produção. ....	38
Figura 15: Garrafa de vidro. ....	40
Figura 16: Garrafa de vidro com o fundo furado.....	41
Figura 17: Botões separados. ....	42
Figura 18: Botões misturados.....	42
Figura 19: Linhas de costura. ....	43
Figura 20: Botões, linha e agulhas. ....	44
Figura 21: Linhas colocadas nas agulhas e nos botões.....	44
Figura 22: Botões com as linhas e as agulhas sendo colados da garrafa de vidro. ..	45
Figura 23: O que você pensando? (Parte da frente e de trás, respectivamente). ....	46
Figura 24: Blusa branca. ....	47
Figura 25: Blusa branca sendo cortada, para colocar o zíper. ....	48
Figura 26: Zíper sendo colocado na blusa branca. ....	48
Figura 27: Enchendo a blusa de espuma .....	49



Figura 28: Blusa cheia com as espumas.....	49
Figura 29: Blusa pronta com a espuma.....	50
Figura 30: Botões com as palavras (sentimentos) coladas. ....	51
Figura 31: O que você está sentindo?.....	51
Figura 32: Espelho .....	53
Figura 33: Botões.....	53
Figura 34: Botões sobre o espelho.....	54
Figura 35: Círculo de botões. ....	55
Figura 36: Círculos de botões. ....	55
Figura 37: O que você vê? .....	56

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FURGS	Universidade Federal do Rio Grande
ILA	Instituto de Letras e Artes
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>2 CONCEITO DE ARTE, ARTE CONTEMPORÂNEA E O OBJETO.....</b>	<b>15</b>
<b>3 BREVE RELATO DA HISTÓRIA DO OBJETO NA ARTE E OS ARTISTAS.....</b>	<b>18</b>
3.1 MARCEL DUCHAMP .....	18
3.2 JOSEPH BEUYS.....	22
<b>4 ARTISTAS COMO REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
4.1 ELIDA TESSLER.....	25
4.2 ROSELI NERY .....	29
4.3 ELKE COELHO .....	32
<b>5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA .....</b>	<b>35</b>
5.1 ESBOÇANDO AS PRODUÇÕES.....	37
5.2 CRIANDO O OBJETO DE ARTE .....	40
5.3 PRODUZINDO O SEGUNDO OBJETO DE ARTE.....	47
5.4 PRODUZINDO O TERCEIRO OBJETO DE ARTE .....	52
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A Arte contemporânea pode ser assustadora até mesmo para as pessoas que convivem com ela, imagina para um simples apreciador? Isso é compreensivo, pois ela pode sim causar um estranhamento quando a vimos pela primeira vez, numa segunda e terceira vez. É sobre a arte contemporânea que abordo nesta pesquisa, assim como o entendimento e aproximação do público. Sabemos que muitas pessoas ainda possuem o pensamento de que arte fica na parede, com o pensamento focado para pinturas e quadros, como era na arte clássica. Esse pensamento permanece, talvez por falta de conhecimento na área, ou por conservadorismo, mas o que fazer para que esse pensamento mude?

Proponho como objetivo utilizar os objetos do cotidiano na arte contemporânea com a minha pesquisa, por minha própria experiência, nunca tive aproximação com a arte contemporânea até entrar no curso de Artes Visuais, e assim que tive o primeiro contato a minha reação foi de estranhamento, e acredito que isso aconteça com a maioria das pessoas, mas fui compreendendo e comecei a entendê-la à medida que me aproximava, e notei que o que mais me chamava a atenção eram as produções de arte contemporânea que utilizavam objetos do meu cotidiano, coisas que eu já conhecia de alguma forma. Isto não me causava tanto estranhamento, e comecei a olhar aqueles objetos, a partir daquele momento, de uma forma diferente, dando a eles outros sentidos. Assim com o passar do tempo fui me aproximando das obras que não eram tão comuns para mim, mas admito ainda tem obras que me surpreendem, e acredito que seja essa uma das intenções da arte contemporânea.

Sempre tem algo em uma exposição de arte contemporânea que nos chama mais atenção do que outra. De acordo com o autor Cocchiarale (2006), nem sempre nos surpreende de forma positiva, mas não podemos generalizar, e achar que tudo que é contemporâneo é estranho, e até criarmos uma rejeição e um certo medo.

É importante irmos além da nossa idealização do que é arte, e olharmos essa nova arte, tentando enxergar o que essas obras dizem sobre o nosso próprio eu, e sobre a realidade do nosso mundo nesse momento. A Arte contemporânea pode sim nos assustar, mas não podemos deixar o estranhamento nos afastar de

um novo conhecimento, nos tirar a oportunidade de entender a arte de um novo jeito. Ela nos traz um novo conceito, uma crítica e novos sentimentos.

Sempre podemos pensar na arte como uma mistura de sentimentos, pode ser ela contemporânea ou clássica, sempre vão nos trazer ou nos dar muitas sensações, boas ou ruins, mas ainda assim, vai nos mover de alguma forma. É isso que a arte faz, ela não passa despercebida, ela sempre nos faz ter alguma reação. Sendo assim, apresento como questão: Quais as possibilidades de aproximação do público com a arte contemporânea a partir do uso de objetos cotidianos?

No decorrer da pesquisa trago no capítulo dois, dando ênfase às aulas que tive durante o curso de Artes Visuais, o conceito de arte, arte contemporânea e o objeto, nesse capítulo falo sobre o que realmente é arte, onde podemos encontrá-la, como a arte contemporânea é vista em relação a aceitação, como o foco da arte ainda está em quadros para muitos espectadores, e quem pode dizer quando uma produção artística é arte ou não, quais os conceitos analisados para transformar de um objeto em arte. Já no capítulo três, trago como base da história do objeto na arte, dois dos artistas considerados mais importantes nesse seguimento da arte, Marcel Duchamp com Kato (2008), e Joseph Beuys com Farkas (2010). No capítulo trago quatro artistas que são referência na minha experiência como artista, e nas minhas produções para essa pesquisa, Elida Tessler, Roseli Nery e Elke Coelho, são artistas que trazem os objetos como elementos principais nas suas produções, deslocando-os do cotidiano para a arte, no capítulo cinco mostro minha proposta artística que é uma sequência de 3 peças, uma fazendo sentido a outra e com conceitos em relação aos nossos sentimentos, de pararmos e vermos o que está acontecendo com nós mesmos, como estamos nos sentindo, se gostamos do que estamos nos tornando ou do que somos. Essas produções serão objetos influenciados pela área da moda e da memória, são objetos do meu cotidiano que tem muita relação com a minha infância, adolescência e até nos dias de hoje, pois minha mãe é costureira, então vivo cercada desses objetos, e resolvi dar um novo sentido para eles nesta pesquisa de conclusão de curso.

## 1 METODOLOGIA

Essa pesquisa de trabalho de conclusão de curso com o título “A Arte Contemporânea e os objetos do cotidiano” traz a questão de como a arte contemporânea propicia um encontro com o nosso cotidiano, aproximando o espectador e o artista da sua realidade.

Esse trabalho apresenta a metodologia A/r/tografia, pois essa metodologia tem um formato mais envolvente de abordar o objeto investigado. De acordo com Belidson (2013, p. 7), “A/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e formatos alternativos para evocar ou provocar entendimento e saberes que os formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem fornecer.” A A/r/tografia tem uma forma diferente de trazer os ensinamentos, usando tanto imagens, quanto textos. E com esse mesmo pensamento que a autora Cattani (2002, p. 40) fala sobre a pesquisa em arte, “A pesquisa em arte diferencia-se das pesquisas em outras áreas das Ciências Humanas na medida em que seu objeto não pode ser definido a priori, ele está em vir-a-ser e se construirá simultaneamente à elaboração metodológica”.

O argumento-chave para essas metodologias é que elas, ao enfatizarem a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. A PBA e PEBA buscam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo. (DIAS, 2013, p. 23).

Do ponto de vista de sua natureza esta pesquisa é de origem básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos para avanço da ciência sem aplicação prática prevista.”<sup>1</sup>

Inseri-se na linha de pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens, do Curso de Artes Visuais Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que traz concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas: arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais.

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Maurício B. **Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica**. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/metodologia.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

Quanto aos procedimentos técnicos esta pesquisa será bibliográfica, pois é elaborada a partir de material já publicado, tais como livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet (BUSNELLO; RAMOS; RAMOS, 2003).

Do ponto de vista da abordagem do problema esta é uma pesquisa qualitativa, pois “considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números”<sup>2</sup>.

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc. (GOLDENBERG, 2002, p. 14).

Minha pesquisa tem como objetivo trazer a arte contemporânea de uma forma diferente, para que posso ser cada vez mais sentida por seus apreciadores. Fazer criações com objetos do cotidiano no mundo da moda e que sempre estiveram muito presentes na minha vida, tendo minha mãe como influência para meu gosto por esses objetos, por ela trabalhar com isso desde que nasci, e sempre estar nesse meio.

A pesquisa será finalizada com uma produção artística e todo processo dessa produção, sendo construída a partir de objetos, utilizando poéticas utilizadas na arte contemporânea, sendo que os objetos apresentados na produção e a compreensão estética da utilização desses objetos mostrará a arte de um novo jeito com a poética e a linguagem ampla existente nas produções contemporâneas.

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Maurício B. **Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica**. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/metodologia.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

## 2 CONCEITO DE ARTE, ARTE CONTEMPORÂNEA E O OBJETO

Durante o curso de Artes Visuais – Bacharelado sempre tivemos muitas conversas entre nós alunos e professores, de como a arte pode estar em todos os lugares. Porém o que podemos chamar de arte? Essa pergunta é difícil de responder não é mesmo? A arte pode ser muito difícil de ser compreendida pelos olhos de alguns, e muitas coisas que são denominadas obras de arte são desconsideradas por pessoas que não aceitam a arte contemporânea, nesse capítulo tentarei dar algumas hipóteses para essas perguntas, pois elas não tem respostas definidas.

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um pouco mais o problema. (COLI, 1995, p. 8).

Quando perguntamos para pessoas que não tem muito conhecimento ou convívio com o mundo das artes, o que ela entende por arte ou pedimos para citar uma obra, a maioria dessas pessoas têm como referência as obras de arte clássicas em formatos de telas, pinturas e com certeza a mais citadas de todas é a “Mona Lisa” (Figura 1), um clássico do pintor Leonardo Da Vinci.



Figura 1: Mona Lisa, 1503. Leonardo da Vinci. Tinta a óleo.



Fonte: Infoescola<sup>3</sup>.

Então, se compararmos as obras do passado com as de hoje, realmente podemos sentir um pouco de estranhamento ao definir o que seria uma obra de arte. Se não podemos responder o que é ou não é arte, podemos pelo menos saber quem diz o que é arte ou não. Bom, essa pergunta é um pouco mais fácil de responder, pois são os especialistas da área que definem quando é ou não é arte, chamados de críticos de arte! Existem lugares que também pode denominar um objeto, por exemplo, em arte ou não, pois quando um objeto qualquer está em um museu ou galeria, sendo exposto como arte, automaticamente, por mais que algumas pessoas não concordem, ele está fazendo parte de uma exposição de arte, logo é uma obra de arte! Porém, para esse objeto estar sendo exposto como arte, o artista tem que dar um conceito para ele, tem que haver um motivo, um significado, assim o tornando uma produção artística e o tirando de sua função de início. Para compreendermos a concepção de arte temos um conceito em que

[...] a arte é uma função essencial do homem, indispensável ao indivíduo e às sociedades e que se lhes impôs como uma necessidade desde as origens pré-históricas. A arte e o homem são indissociáveis. Não há arte sem homem, mas talvez igualmente não haja homem sem arte. Por ela, o homem exprime-se mais completamente, portanto, compreende-se e realiza-se melhor. Por ela, o mundo torna-se mais inteligível e acessível, mais familiar. É o meio de um perpétuo intercâmbio com aquilo que nos

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pintura/mona-lisa>>.

rodeia, uma espécie de respiração da alma bastante parecida com a física, de que o nosso corpo não pode prescindir. O ser isolado ou a civilização que não têm acesso à arte estão ameaçados por uma imperceptível asfixia espiritual, por uma perturbação moral. (HUYGHE, 1986, p.11).

A arte passou por várias mudanças no decorrer dos anos, séculos, sempre com estilos bem diferentes, e por conta disso demoramos um pouco para nos acostumarmos com o que é estranho aos nossos olhos e, muitas vezes, nos limitamos a um estilo que temos mais afinidade, porém, respeitar as diferenças é essencial, não gostar do estilo não dá o direito de menosprezar o trabalho do artista.

Acredito que a arte sempre vai estar em constantes mudanças, pois vimos que ela já passou por diversos segmentos, e sempre que surgia um novo movimento artístico a primeira reação das pessoas era o estranhamento e muitos rejeitavam, e isso acontece nos dias de hoje também com a arte contemporânea, claro que estamos em épocas diferentes, por isso a realidade que se encontra hoje a arte também é diferente e cada um pode dar um conceito para a mesma obra de arte.

### 3 BREVE RELATO DA HISTÓRIA DO OBJETO NA ARTE E OS ARTISTAS

#### 3.1 MARCEL DUCHAMP

A maioria dos objetos foi criada para alguma finalidade, a caneta para escrever, o sapato para colocar no pé, a cafeteira para fazer café, e assim por diante, não é mesmo? Falar de objetos na arte, desloca a finalidade para que esses objetos foram criados, pois são tirados dos seus ambientes de costume para fazer parte de outro mundo, o mundo da arte! O deslocamento do objeto do cotidiano na arte contemporânea teve início com Marcel Duchamp, que fez surgir um novo pensamento na arte, com o ready-made.

Ao tirar um objeto comum do seu contexto usual e elevá-lo à categoria de arte, ele anunciava ao mundo: a habilidade manual do artista já não basta para definir uma obra. Na nova realidade, tomada pelas mais diferentes possibilidades de reprodução, o pensamento do autor por trás de seu trabalho - enfim, a sua ideia – se torna o mais importante. (KATO, 2008, p. 38).

As produções que utilizam objetos do nosso dia a dia, provavelmente tiveram uma ligação com as produções de Duchamp. Os objetos eram e ainda são utilizados de outra forma na arte, sendo representados através de pinturas, mas mesmo ele sendo pintado da forma mais real possível, ele não é o objeto, pois não tem a utilidade que o objeto de verdade tem, por exemplo, quando Magritte fez a pintura de um cachimbo em 1929, e colocou o título de: “Isto não é um cachimbo” (Figura 2).

Figura 2: A traição das imagens, 1929. René Magrite. Óleo sobre tela.



Fonte: G1, portal de notícias da Globo<sup>4</sup>.

Duchamp utilizava o próprio objeto e o elevava como obra de arte, como o *Porta-Garrafas* em 1914. Ele transformou a arte a partir dos seus “ready-mades” em 1913, representando a arte através de objetos reais fazendo uma crítica contra a sociedade e o sistema de arte. O objeto mais marcante que ele usou foi um mictório de parede com o título *Fonte* em 1917 (Figura 3).

Figura 3: Marcel Duchamp - A Fonte. 1917. Ready-made, urinol invertido. 60 cm

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/isto-nao-e-um-cachimbo.html>>.



Fonte: Égon Turci.<sup>5</sup>

A obra foi recusada pelo júri, e isso o fez desligar-se da sociedade e provocar várias manifestações por parte dos dadaístas. Hoje em dia o artista contemporâneo tem uma conexão com Duchamp, pois esses artistas trazem questões que partem das ideias dele. Alguns dão outras finalidades aos objetos, outros os deslocam do seu ambiente natural e os colocam em um ambiente artístico assim como fez Duchamp com o mictório, isso causa certo estranhamento ao público ainda nos dias de hoje, principalmente ao público mais conservador que está acostumado a ver arte nas paredes, ou esculturas. (KATO, 2008).

Ver seus objetos do cotidiano em uma galeria, em uma exposição de arte, dar de cara com uma escova de cabelo igual a sua, ou um vidro de perfume, ou até mesmo uma moto antiga, o que transforma os objetos em arte e os objetos que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://egonturci.wordpress.com/2012/09/10/a-fonte>>.

estão na minha casa não? Talvez essas seriam umas das perguntas que o espectador faça ao visitar uma exposição de arte Contemporânea.

O objeto do nosso dia a dia tem mais valor no ambiente da arte? Na verdade, é que lá o objeto ganha outro significado, um pouco mais intenso, pois o artista não o coloca lá por acaso, sempre há um conceito e isso é o que difere, o que o artista quis colocar com o objeto, qual a intenção, e podendo também ser uma crítica. A arte contemporânea pode ter significados diferentes para cada pessoa, dando assim várias definições para uma única produção, é assim que a arte age em nós, fazendo e sentindo a partir de cada ser e de suas experiências com os objetos expostos. Os objetos na arte são utilizados na arte contemporânea, pois é nela que os artistas mais têm liberdade para usar os materiais e objetos para produzir, não se trata mais só de pinturas e quadros nas paredes, e sim de aproximação da arte com a vida.

O deslocamento de um objeto comum do seu ambiente natural para o ambiente da arte aproxima-se desta pesquisa de conclusão de curso, pois serão utilizados objetos que tenho muito convívio e no decorrer dessa escrita citarei outros artistas que também se utilizam de objetos comuns para produzirem a sua arte.

### 3.2 JOSEPH BEUYS

Para que possamos compreender melhor a presença do objeto na arte, trago mais um artista que marcou a história da arte, Joseph Beuys, apontado como um dos principais artistas alemães da segunda metade do século XX. Beuys teve contato com a arte quando mais jovem, mas decidiu estudar medicina, porém com a segunda guerra mundial, se alistou na força Aérea Alemã. Quando voltou da guerra, Beuys resolveu dedicar-se a arte, e estudou durante cinco anos na escola de arte de Düsseldorf, ele se dedicou ao desenho em um primeiro momento, e depois para a escultura, mas em 1962, Joseph conheceu o movimento Fluxus, trabalhos multidisciplinares, performances, que incluíam artes visuais, literatura e música.

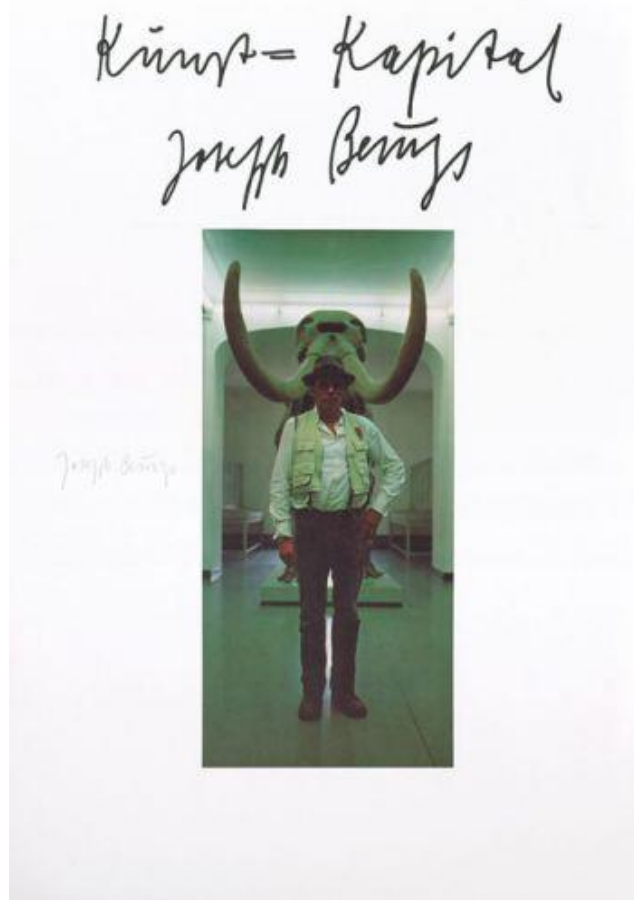
O envolvimento de Beuys com o Fluxus marcou o neodadaísmo e o conceitualismo. Mas diferentemente dos outros artistas minimalistas e conceituais, não desmaterializa o objeto de arte e sim abrange muitos materiais e as junções psicológicas e alegóricas, fazendo parte de uma evolução da arte objeto do nosso século. Nessa concepção Beuys, se utiliza de materiais e objetos que fazem parte da cultura e materiais mais simples. No Fluxus, teve suas primeiras atitudes, mas essas atitudes não foram aceitas pelo grupo, por terem obtido características próprias. (FARKAS, 2010).

Duchamp, como citei anteriormente, é um dos pioneiros ao discutir os objetos do cotidiano na arte, e Joseph o admirava, contudo não concordava com o seu silêncio, por achar o seu silêncio vago, pois Beuys achava que se a intenção de Duchamp era provocar, como podia colocar seus objetos em museus como peças de coleção?

As obras de Joseph Beuys, chamada de arte conceitual, se estabelecem numa crítica ao consumo de objetos obtidos pela sociedade. Podemos dizer que a arte conceitual, pode ser uma arte sem uma base concreta, que pode se expressar através de meios que não são tão utilizados, através de instalações, performances, etc. Beuys produziu obras que viraram referência para a geração contemporânea de arte. Acordo político e a presença rotineira marcam o seu trabalho, além dos diferentes procedimentos de funcionamento da escultura, da instalação aos debates, e um forte vocabulário representativo, que passa pela aplicação de materiais como gordura e feltro e utilização da sua imagem. (FARKAS, 2010).



Figura 4: Joseph Beuys – 10 Jahre Capital Kunstkompass. 1979. Cartaz



Fonte: Joseph Beuys Fan Club<sup>6</sup>.

Criou 250 obras entre 1964 á 1986, vídeos e variedades de cartazes, produções que estavam na exposição *Joseph Beuys – A revolução somos nós*. Nessa fase, Beuys completa as performances e exposições, debates e encontros, onde defendia o conceito das mudanças da sociedade como produções artísticas coletivas, mostrando que todos são capazes de criar. E assim começa a se utilizar de múltiplos e materiais gráficos como meios de divulgação de ideias, como representado nas Figuras 4 e 5. Os cartazes abriram para Joseph Beuys, a oportunidade de conseguir um público maior, assim divulgando sua opinião em relação à arte e à política. Os múltiplos assim como os cartazes, também são vistos como meio de propaganda, Beuys os criou para expandir seu pensamento ampliado de arte, concepção de escultura social e motivos planejados. No capítulo seguinte trago três artistas muito influentes para essa pesquisa e na minha experiência como

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://josephbeuysfanclub.files.wordpress.com/2013/12/beuys-10-jahre-capital-kunstkompass-1979.jpg>>.



artista (FARKAS, 2010), sendo, também, artistas marcantes no mundo da arte contemporânea nos dias de hoje.

Figura 5: Joseph Beuys – Holzpostkarte. 1974. Cartão postal de madeira.



Fonte: Icollector<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.icollector.com/Joseph-Beuys-Holzpostkarte-Edition-Staack\\_i6987748](http://www.icollector.com/Joseph-Beuys-Holzpostkarte-Edition-Staack_i6987748)>.

## 4 ARTISTAS COMO REFERÊNCIAS

### 4.1 ELIDA TESSLER

Umas das primeiras artistas atuais que trago para fazer parte das minhas referências para a constituição dessa pesquisa, por toda sua trajetória no mundo da arte e a admiração pelo seu trabalho é a artista, professora e pesquisadora, Elida Tessler. Fez graduação em Artes Plásticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez especialização em Artes Plásticas Teoria e Práxis e logo após seguiu para França e fez seu Doutorado em História da Arte na Université Paris I Pantheon – Sorbonne. Durante esse período no exterior, Tessler já mostrava interesse pela passagem do tempo e seus vestígios.

Após defender sua tese de Doutorado em 2003, volta para Porto Alegre, e abre um espaço junto com Jailton Moreira, que tinha como objetivo a experimentação e a reflexão sobre a arte contemporânea. O lugar foi nomeado como Torreão, onde aconteciam cursos, intervenções artísticas e conversas, esse espaço ficou aberto até o ano de 2009. Após começou a lecionar no Instituto de Artes da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), onde atua até os dias de hoje como professora, no curso de graduação e no programa de pós-graduação de Artes Visuais.

Contudo foi nos anos 90, que suas obras começaram a ficar notáveis pelo uso dos objetos do cotidiano, objetos com valores afetivos e reorganizados em instalações. Suas observações, coleções e arrumações, ganham importância nas suas produções. Em um dos seus trabalhos intitulado “Falas Inacabadas” (Figura 6), ela traz recipientes encontrados por acaso, colocando água, sal grosso, pregos, estopas. Esses materiais vão deixando marcas, manchas e assim Tessler torna visível a passagem do tempo.

Figura 6: Falas Inacabadas, 2000. Elida Tessler.



Fonte: Elida Tessler<sup>8</sup>.

Outra obra da Tessler que acho muito interessante é uma continuação do projeto de “Falas Inacabadas”, e tem uma ligação com as minhas produções que serão apresentadas nessa pesquisa, é a obra “Você me dá a sua palavra?” (Figura 7), penso que tem uma ligação com as minhas produções por ela utilizar um objeto bem simples, comum do dia a dia, principalmente das donas de casa, que é o prendedor de roupas, a utilização de palavras que remetem a sentimentos, e a interação do público com a obra.

Figura 7: Você me dá a sua palavra? Macapá - AP, 2004. Elida Tessler.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.elidatessler.com.br/falas\\_inacabadas/IMG01.htm](http://www.elidatessler.com.br/falas_inacabadas/IMG01.htm)>.



palavra? Nesse momento eu tenho a impressão que o trabalho já acontece que as relações se fazem, entre o que é arte, o que é literatura, é uma passagem, é um *contact*, pode ter um lado curioso, pode ter um lado divertido, por exemplo quando eu digo que as minhas filhas, por vezes gostam de contar quantas vezes a palavra amor aparece, que é a palavra mais recorrente, tudo isso vai levando para um outro significado da palavra, é um outra forma de ler justamente aquilo que está escrito, onde está escrito, e como é colocado, isso gera uma outra frase, isso pra mim, gera um grande poema anônimo, uma longa linha de poema sem autor. (COMENTÁRIO... 2013)

## 4.2 ROSELI NERY

Quando iniciei minha pesquisa já sabia alguns autores e artistas que usaria como referência, mas no decorrer, encontrei uma artista que utiliza dos mesmos objetos que uso nas minhas produções, linhas, agulhas, botões, tecidos, entre outros. Me identifiquei mais ainda pela afinidade que ela também tem com esses objetos.

A artista plástica Roseli Nery, além de artista plástica, atua como professora no instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande – ILA/ FURGS Rio Grande – RS. Nery fez mestrado em Poéticas Visuais, tendo a também artista Elida Tessler, citada anteriormente, como orientadora. Sua dissertação teve como tema os objetos na arte contemporânea, com o título de “Intimidades entrelaçadas: Gestos, olhares e objetos na arte contemporânea em uma experiência singular” (NERY, 2003), sua pesquisa consiste no deslocamento dos objetos do cotidiano doméstico, para o ambiente das produções artísticas. Assim dando uma oportunidade a esses objetos de serem vistos de uma outra maneira e oferecendo outras possibilidades, porém tirando-os de suas habilidades atuais para quais foram criados, trocando-os de função ou eliminando-as.

Este trabalho deu margem para que se discutissem o resgate da singularidade de gestos simples em objetos simples. O fato de trabalhar com elementos diminutos, menores que a palma da mão, trouxe a necessidade de colocar os trabalhos à disposição do espectador de maneira que ele pudesse se aproximar de cada elemento formador. (NERY, 2003, p. 19)

Na sua dissertação de mestrado em 2003, Nery fala sobre o resultado da sua pesquisa que é uma ligação na qual se determina um vínculo de estranhamento com séries e repetições de elementos, que colocados no devido tempo do trabalho produzem questões que podem auxiliar com o mundo da arte contemporânea. A partir disso, podemos perceber a importância do objeto não somente como eloquentes, mas também perceber o cuidado no manuseio de cada produção, que se envolvem na produção das peças provocando sustentações que no início ficariam soltas no ar. Nery comenta da dificuldade das montagens de suas obras por conta da fragilidade na hora de fazê-las, por usar objetos pequenos e delicados, e por isso são apenas encaixadas e colocadas em suas bases. Então, ela usa da repetição,

consciência do tempo, fragilidade e estranhamento para concretizar suas produções artísticas, assim concluindo também sua pesquisa (NERY, 2003).

Figura 8: Germinando, 2003. Roseli Nery. Botões brancos e fio de nylon.



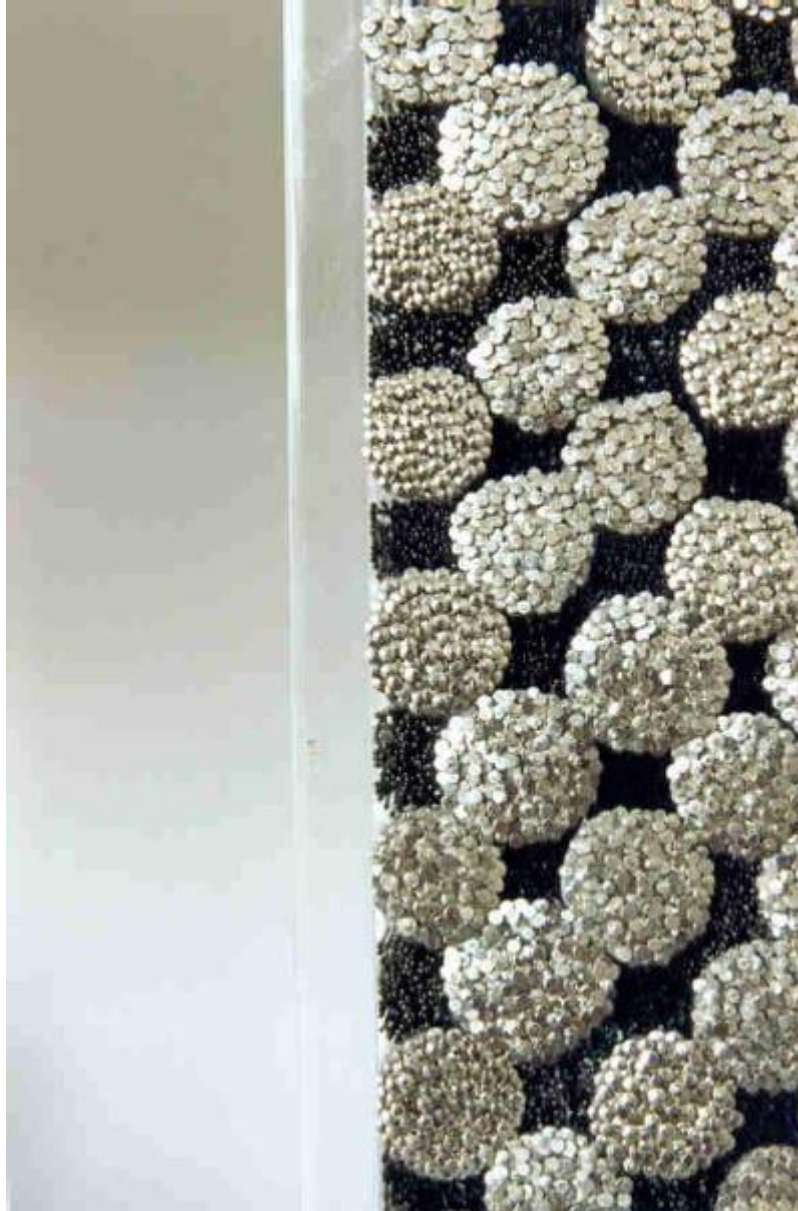
Fonte: Scribd<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/344743203/Intimidades-entrelacadas-Roseli-Nery>>.



Figura 9: Feixes, 2003. Roseli Nery. Alfinetes de costura, discos de esponja e acrílico.



Fonte: Scribd<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/344743203/Intimidades-entrelacadas-Roseli-Nery>>.



### 4.3 ELKE COELHO

Outra artista que trago como referência para essa pesquisa e minhas produções artísticas, é a artista Elke Coelho, também pesquisadora e professora na área de Artes Visuais. Segundo um relato da artista ela faz suas produções através de anotações em seus cadernos e de acumulações e apropriação de objetos extremamente simples, como algodão e cotonetes.

A artista fala do seu apreço pelo desenho, como ele se apresenta como materialidade da linha, como gostava de brincar com as linhas, mais finas, mais grossas, na busca de uma linha mais áspera, e cada vez que ela tinha mais proximidade com desenho, participando de exposições ou buscando por trabalhos de artistas que se encaixavam nessa linguagem. Ela pensava nas possibilidades desses desenhos, como seria se ela pudesse puxar a linha do desenho para fora dele, que materialidade ele teria? Na diferença de linhas que poderiam surgir de acordo com trabalho de cada artista, poderia ser uma linha de seda ou uma linha de arame. A partir disso começou o seu interesse por objetos, objetos do cotidiano que tem ligação com essa pesquisa, e objetos pequenos.

A artista tem em sua casa coleções de objetos pequenos, que ela mesma compra ou ganha de outras pessoas, seu interesse em um primeiro momento, por esses objetos está na sua fisicalidade, e não na funcionalidade para que esses materiais foram criados, por exemplo quando ela se utiliza de cotonetes, o que menos ela vê neles é a função para que eles foram criados, e sim por eles serem um material macio, pequeno, delicado e que pontua o espaço, quando ela articula com outros objetos como agulhas, alfinetes, é sempre o corpo do material que a interessa, ela não desconsidera totalmente a carga funcional do objeto, pois o espectador ao chegar perto de um acúmulo de alfinetes por exemplo, sempre vai associar para a funcionalidade que conhece.

A maior parte dos trabalhos vem de coleções ou acumulações, pois ela afirma que os materiais nunca estão sozinhos, um fosforo nunca está só, assim como o cotonete, as agulhas, os alfinetes, sempre estão agrupados, sempre trabalha com grandes quantidades desses pequenos materiais.

Figura 10: Chuva, 2012. Elke Coelho. Alfinete, bijuteria, palavra datilografada, papel e prego.



Fonte: Aura Arte<sup>13</sup>.

De fato, com essa concepção a utilização de objetos do cotidiano, que quase não damos importância, ou damos visibilidade além do que para foram criados, é o que mais intriga e interessa a Elke Coelho, pois dar um novo sentido para esses objetos, mostrar que nada é invisível. Ela também faz comparações entre os objetos, porque alguns a interessam mais que outros, e explica esse processo de aceitação por um objeto, o que tinha em um que não havia no outro, além de serem uso do dia a dia, de serem pequenos e singelos. Elke começou a perceber que ao tocar nos objetos, ele tinha sensações, e que essas sensações são as que a faziam os escolher, se eram macios, pontiagudos, a temperatura. Suas produções consistem em um olhar de colecionadora, as anotações dos seus cadernos, e o deslocamento dos objetos. A artista ainda diz que seu trabalho é herdeiro do Marcel Duchamp, mas que tem necessidade de desenvolver outros procedimentos outros

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.aura.art.br/arte-contemporanea/chuva>>.

argumentos. Ela intitula seu trabalho como situações materiais, e busca que essas situações materiais falem de sensações<sup>14</sup> (Figuras 10 e 11).

Figura 11: Acontecimento, 2012. Botão, alfinete, linha, palavra datilografada, papel e prego.



Fonte: Aura Arte<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> ELKE Coelho - Objetos ambivalentes: cotidiano, colecionismo e acumulação. 2016. (52min57sec.) Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CgnEPINmC1M>>. Acesso em: 25 maio 2017.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.aura.art.br/arte-contemporanea/acontecimento>>.

## 5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Meus objetos-de-arte são uma sequência de três peças, utilizando objetos do meu dia a dia, objetos da área da moda. Utilizarei essas produções como forma de aproximação do público, pois o mesmo poderá interagir com uma das três peças da proposta. Minha intenção com as essas produções além de se aproximar do espectador, é permitir pensar quais sentimentos estão movimentando sua vida, quais os seus pensamentos, e o que vê quando olha para si mesmo, não olhando só para sua aparência, mais uma junção do interior com exterior do ser humano.

Portanto, utilizando objetos que são importantes na minha vivência consigo colocar os mais verdadeiros sentimentos nas minhas obras, pois é algo que gosto de estar perto, que me agrada ao tocar e pensar possibilidades. Contudo, pensando como utilizar esses materiais, comecei a refletir em algo que estaria muito presente no mundo no momento, pois essa pesquisa tem o objetivo de aproximar o público dessa nova arte, a arte contemporânea. Por que não ressaltar um assunto polêmico e fazer a junção com esses materiais tão comuns? Assim aproximando muito mais as pessoas dessas obras para refletir. O assunto que estarei abordando junto com esses materiais, é a tristeza interior em que se encontra no ser humano. Vimos inúmeras reportagens de como as pessoas estão sendo atingidas pelas suas tristezas, em diferentes faixas etárias, que levam as pessoas a se prender em um mundo só delas, sem querer se expressar e contar o que estão as deixando assim. Pode ser por não ter coragem, ser quem são de verdade, por querer ser diferente, por querer coisas que não podem, por questão financeira, ou por a sociedade não aceitar, então as minhas produções têm esse sentido, da pessoa enxergar-se, e olhar também para o próximo, todos precisam de alguém, prestando atenção nelas e nas pessoas que estão ao nosso redor, assim podemos ajudá-las a sair dessa escuridão.

Muitas vezes pensamos estar fazendo o certo e não estamos, mas isso é consequência do que vivemos, dos exemplos que tivemos, da educação que recebemos. Poder abordar um assunto que está acontecendo no mundo todo, e expressar isso através da arte é algo que me traz muita satisfação, pois na situação que vivemos onde tudo gira em torno da tecnologia é complicado e intrigante pensar em outra forma de expressar suas ideias e opiniões sem ser por esse meio

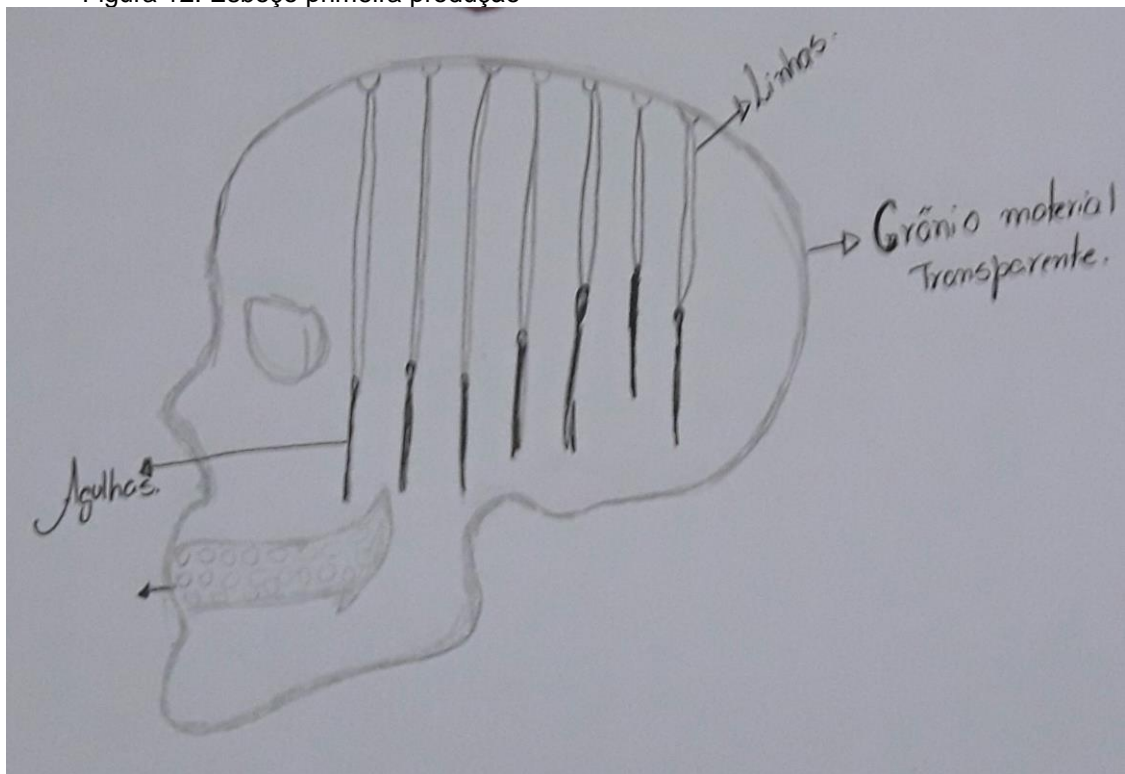
tecnológico, porém sempre há outras maneiras, e uma boa opção é através da arte que está aberta para todos.

## 5.1 ESBOÇANDO AS PRODUÇÕES

No decorrer da escrita dessa pesquisa, fui imaginando minhas produções e logo no início já sabia o que iria produzir, estava tudo na minha mente como um esboço em um papel, as peças iam se juntando, e a cada linha escrita mais ideias iam surgindo, e não via a hora de tirá-las do meu pensamento e começar a produzir. Como ainda as ideias estavam um pouco confusas em relação a que materiais utilizar como base, resolvi em um primeiro momento fazer um desenho para deixar registrada minhas ideias de arte, e finalmente tirar dos meus pensamentos e começar a dar vida a elas (Figuras 12, 13 e 14). Neste sentido, fui tendo surgindo algumas ideias que não poderia fazer somente uma produção, como citei no início, produzi três peças, uma complementando a outra, como se fosse um corpo, mas em pedaços separados.

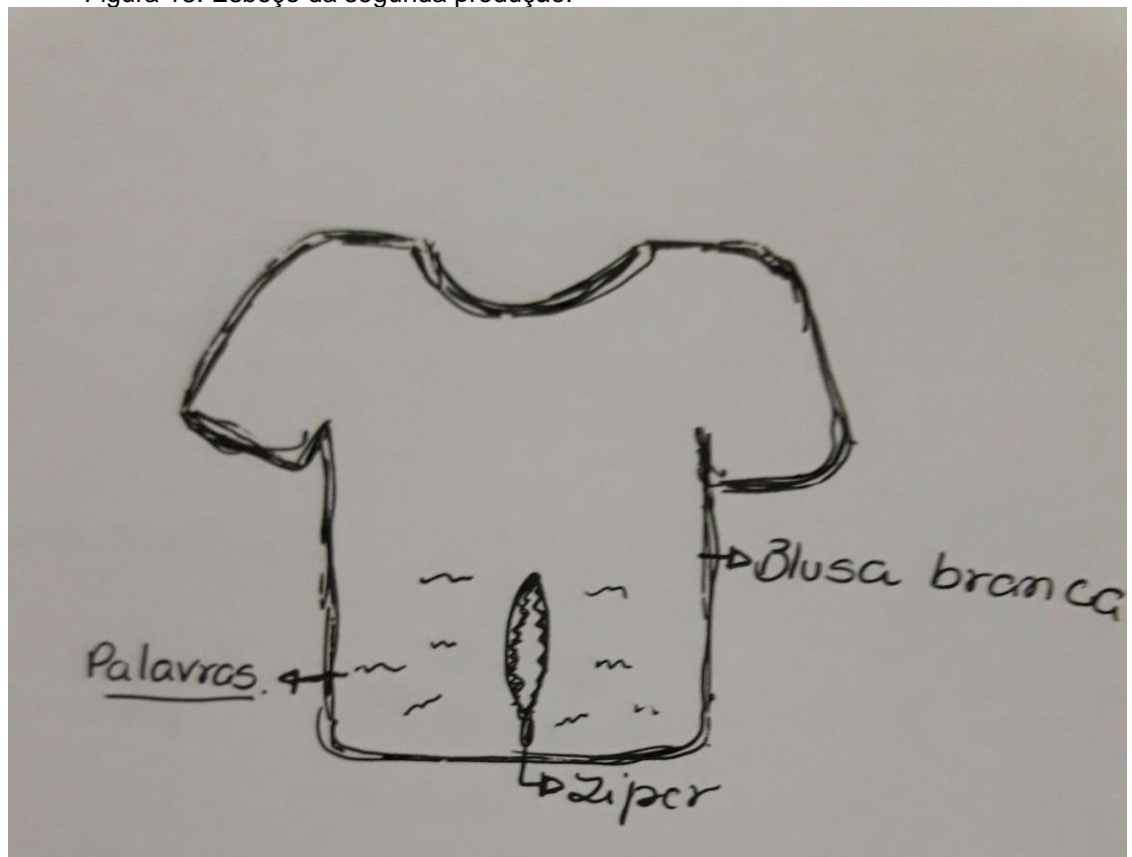
Se olharmos sob o ponto de vista da produção de uma obra determinada, o percurso caminha, em um ambiente de imprecisão, em direção à construção de um objeto, com determinadas características. (SALLES, 2014, p.43)

Figura 12: Esboço primeira produção



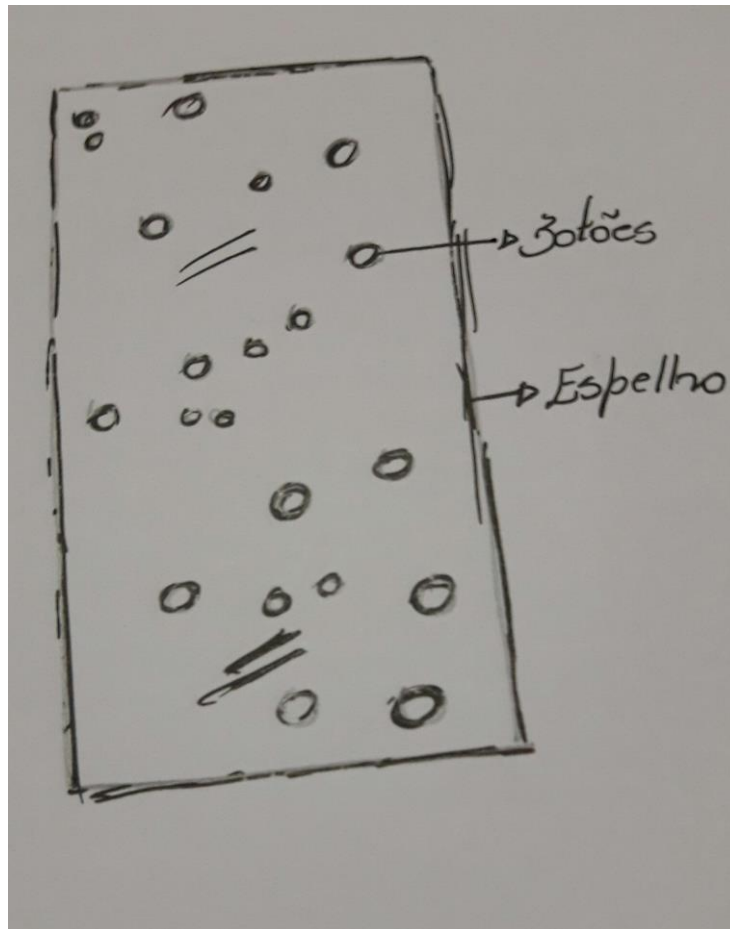
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 13: Esboço da segunda produção.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 14: Esboço da terceira produção.



Fonte: Acervo da pesquisadora.



## 5.2 CRIANDO O OBJETO DE ARTE

Depois de esboçar, fui pesquisando materiais para usar como base da minha primeira produção, como a ideia é fazer um crânio com linhas e agulhas suspensas, precisava que fosse um material transparente, para que o espectador visse o que estava por dentro. Porém, procurei na minha cidade em algumas vidraçarias, lojas de decoração e nada encontrei. Então resolvi procurar na internet, em site de vendas, e encontrei algumas possibilidades, dentro delas encontrei uma garrafa em formato de caveira (Figura 15), assim que a vi já consegui idealizar como ficaria minha produção.

Em nossa vida cotidiana, o interstício que separa a produção e o consumo se retrai a cada dia. É possível produzir uma obra musical sem saber tocar uma única nota, utilizando os discos existentes. De modo mais geral, o consumidor customiza e adapta os produtos comprados a sua personalidade e as suas necessidades (BOURRIAUD, 2009, p. 41).

Figura 15: Garrafa de vidro.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Com ela na minha mão, comecei a pensar como faria para colocar os objetos pretendidos dentro dela, como a parte de colocar o líquido era muito pequeno não caberia a minha mão, teria que cortar, porém não tenho o material ideal em casa para fazer cortes em vidros, então levei em uma vidraçaria para fazer o corte. Minha ideia inicial era cortá-la no meio, para conseguir manusear bem quando fosse colocar as linhas e as agulhas, e depois colar as duas partes, mas chegando à vidraçaria o vidraceiro disse que não daria para fazer assim, pois a parte do meio da garrafa tem um vidro mais grosso, e o vidro se esfarelaria. Então, a solução foi furar o fundo dela na parte mais fina do vidro (Figura 16).

Figura 16: Garrafa de vidro com o fundo furado.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Assim, comecei a dar estrutura à minha ideia de produção. Como citei na minha introdução, minha mãe é costureira, então achar os materiais que eu pretendia usar nessa primeira produção e nas outras foi fácil, pois minha mãe possui um acervo grande de objetos de costura (Figuras 17, 18 e 19), não só por causa da profissão que leva, mas pelo apreço que tem por objetos pequenos. Minha primeira

produção se constitui em um crânio de vidro, simbolizando a cabeça do ser humano, com linhas suspendendo agulhas e botões espalhados pela cabeça de vidro

Figura 17: Botões separados.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 18: Botões misturados.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 19: Linhas de costura.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Agora com a base pronta e os materiais disponíveis começo a dar início a minha produção. Utilizando linhas, agulhas e cola de silicone para fixar no topo da garrafa de vidro. Não sabia quais cores de linhas usar, se usava apenas uma ou faria de várias cores, porém comecei a pensar no conceito da minha obra, simbolizar a cabeças das pessoas, mas fazer elas refletirem sobre si mesmas e sobre o seu próximo, e assim também as aproximando da arte contemporânea. Cabe agora analisar qual a cor nos vem na mente quando pensamos no nosso corpo por dentro, nas nossas veias? Pensei no vermelho e acredito que a grande maioria também, foi assim que resolvi usar a cor vermelha da linha. Já as agulhas, elas ajudam a dar uma postura a linha, como se equilibrasse, dando equilíbrio fazendo a junção da linha com a agulha, mas deslocando-as totalmente do seu contexto, aproximando o público por ser algo tão simples e ao mesmo fazer o espectador refletir sobre seus pensamentos.

Primeiro passo na construção dessa produção foi passar as linhas nas agulhas, como o vidro da garrafa é um pouco grosso e a linha não ficava tão visível, tive que colocar a linha duas vezes em cada agulha, para aparecer mais a cor



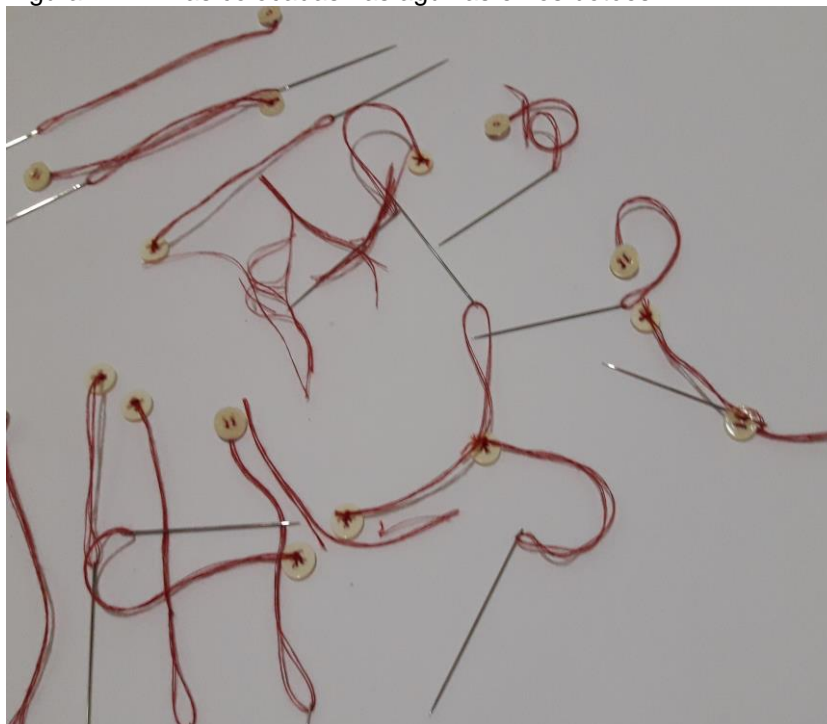
vermelha. Depois desse processo, coloquei os botões nas pontas das linhas, para ter como apoio na hora de colar no topo da garrafa (Figuras 20 e 21).

Figura 20: Botões, linha e agulhas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

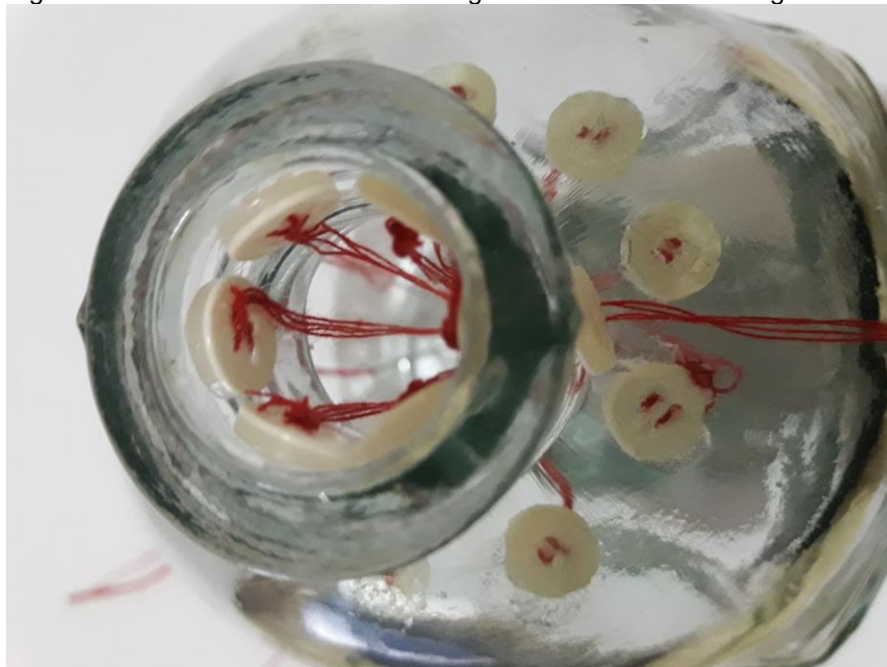
Figura 21: Linhas colocadas nas agulhas e nos botões.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Continuando a produção, comecei a colar os botões com as linhas e agulhas suspensas, na parte superior, fui fazendo e pensando em várias coisas ao mesmo tempo, e veio o questionamento de como conseguir representar esses pensamentos através de um objeto, mas nada me vinha na cabeça. Se passaram alguns dias, e comecei a observar com mais atenção o que estava a minha volta, e comecei a rir, pois o objeto estava ali do meu lado o tempo todo, estavam sendo usados somente como apoio para as linhas e as agulhas, quando poderia ser a parte principal dessa produção. Os botões ficariam ótimos nessa função, pois no seu contexto atual, ele serve para prender uma parte da roupa na outra. E o que sempre estamos tentando fazer com os nossos pensamentos? Resolver situações, fazer as coisas se encaixarem, ajustar tudo da melhor maneira possível. Então, com um novo olhar para os botões, coloquei vários deles espalhados pela cabeça de vidro até aonde minha mão conseguia chegar, aqueles botões espalhados iam significando os milhares de pensamentos que muitas vezes não conseguimos decifrar, e vão nos devorando internamente (Figura 22).

Figura 22: Botões com as linhas e as agulhas sendo colados da garrafa de vidro.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O que quero trazer com essa produção é realmente usar esse crânio como as cabeças pensantes dos seres humanos, estamos vivendo em um mundo tão assustador, com tantas coisas acontecendo, e muitas vezes nos perguntamos, o

que essas pessoas estão pensando? É o que quero perguntar aos meus espectadores, quero lhes fazer pensar o que eles estão pensando quando tomam alguma atitude, ou realizam alguma ação (Figura 23).

O objeto símbolo é capaz de evocar memórias extintas que permanecem latentes até o momento em que são estimuladas. Apresentar estes objetos no contexto artístico pode ser a oportunidade para que se possa evocar e compartilhar memórias coletivas. Embora cada indivíduo seja o que é devido ao acervo de memórias que possui e que não é igual ao de ninguém, ele se agrupa por afinidades formando um sistema de memória coletiva. (NERY, 2002, p. 104).

Figura 23: O que você pensando? (Parte da frente e de trás, respectivamente).



Fonte: Acervo da pesquisadora.

### 5.3 PRODUZINDO O SEGUNDO OBJETO DE ARTE

Minha segunda produção dá continuidade ao conceito da primeira, mas o que a diferencia, da primeira e da última obra, é que o espectador pode interagir com ela. Assim como a primeira obra, também realizei um esboço (Figura 13), e no decorrer da pesquisa fui pensando algumas possibilidades para minha segunda produção, mas meu ponto principal era estar completamente ligada à primeira produção, pois é como se fosse dar continuidade ao corpo, pensamentos ligados aos sentimentos.

O segundo objeto de arte foi pensado em como as pessoas poderiam interagir e se aproximar de algo que tocasse no seu sentimento, qual seria a reação ao tirar um sentimento ruim de dentro delas?

Comecei a procurar uma blusa que não usava mais, queria que fosse da cor branca. Como o conceito principal é retirar um sentimento ruim de dentro de si mesmo, uma cor neutra e considerada a cor da paz encaixaria muito bem nessa segunda produção, idealizaria a sensação de alívio ao retirar tal sentimento (Figura 24).

O segundo passo é colocar um zíper no meio da blusa, dando continuidade a cor das linhas usadas na primeira produção, escolhi um zíper vermelho para dar a sensação de estar colocando a mão realmente dentro de um corpo, como estivesse saindo sangue (Figuras 25 e 26).

Figura 24: Blusa branca.



Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 25: Blusa branca sendo cortada, para colocar o zíper.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 26: Zíper sendo colocado na blusa branca.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A terceira etapa foi costurar todos os lados da blusa, a gola, as mangas, e a parte de baixo, para que o único buraco aberto nela seja o do zíper. A próxima parte foi pensar em um material para encher essa blusa, logo pensei nas almofadas em nossas casas, espumas de estofar é perfeito para concluir essa parte, pois é algo macio e agradável de colocar a mão. (Figuras 27, 28 e 29).

Figura 27: Enchendo a blusa de espuma



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 28: Blusa cheia com as espumas.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 29: Blusa pronta com a espuma.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A última parte dessa produção é como colocar esses sentimentos dentro dessa blusa. O que seria algo fácil de pegar e ligasse as três produções? Claro que os botões seriam os mais indicados para essa tarefa, pois estaria sendo mais uma vez o material mais expressivo utilizado em mais uma produção, mas em vez de estar representando os pensamentos, vai representar os sentimentos do espectador. Comecei a anotar todos os sentimentos ruins que sinto rodear nosso mundo. Medo, ansiedade, culpa, estresse, tristeza, rancor, ganância, preconceito, desprezo, mentiras, ciúmes, raiva, ódio, melancolia, angústia, carência, frieza, revolta, injustiça, amargura, inveja, frustração, mágoa, rejeição, vingança, covardia. Imprimi essas palavras e coleí cada uma delas em um botão (Figura 30), colocando-os dentro da blusa através do zíper, que ficará aberto e o espectador vai poder tirar algum sentimento ruim de dentro dele. A obra ficará suspensa e terá o título: “O que você está sentindo?” (Figura 31).

Figura 30: Botões com as palavras (sentimentos) coladas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 31: O que você está sentindo?



Fonte: Acervo da pesquisadora.

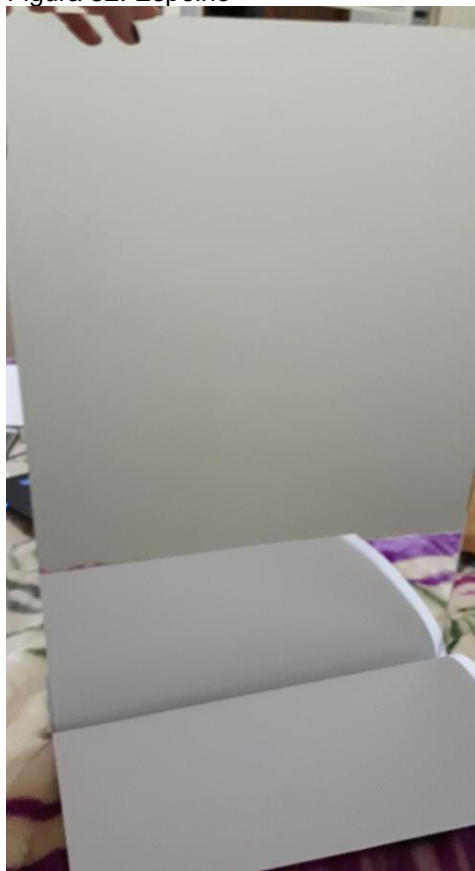
#### 5.4 PRODUZINDO O TERCEIRO OBJETO DE ARTE

A terceira e última produção realizada para essa pesquisa, é algo que nos remete a ver o que você é de verdade, como você se enxerga com os olhos da alma? Com os olhos da arte? Você gosta do que está vendo? Queria ser alguém diferente do que é, do que se tornou? Ainda dá tempo para mudar? Essas perguntas me nortearam para a realização dessa produção, algo que faça refletir, sobre quem somos.

Quando queremos nos ver vamos para frente de um espelho, e o que vimos? Nossa aparência, nada além disso, certo? Resolvi usar esse objeto por ser algo que todos têm em casa e usam para se ver, mas não se enxergam de verdade. Peguei espelhos que tinha em casa, mas não queria que tivessem moldura, então resolvi comprar um sem moldura, para que nada pudesse tirar a atenção do centro do espelho, minha ideia desde o início, como foi visto no esboço, era usar os botões colados no espelho, isso porque para mim eles estariam representando tudo que está na nossa frente e não queremos ver, como nossos principais medos, vergonhas, frustrações. E tudo foi se encaixando conforme ia fazendo as outras produções, pois sempre quis que as três produções fossem ligadas uma a outra, e a utilização do botão como objeto principal das três foi inesperado, pois ele foi se tornando o objeto principal no decorrer do processo, em cada uma com um propósito diferente, mas com o mesmo sentido de fazer o espectador olhar diferente para dentro dele, e enxergam que os objetos podem fazer parte do seu dia a dia, mas também podem fazer refletir sobre questões importantes quando estão no mundo da arte.

Como citei anteriormente, o primeiro passo foi encontrar um espelho, como não tinha nenhum na minha casa sem moldura, resolvi comprar um sem moldura (Figura 32), e dei início para minha última produção referente a esta pesquisa.

Figura 32: Espelho



Fonte: Acervo da pesquisadora

Peguei todos os botões que encontrei na sala de costura da minha mãe e coloquei em cima do espelho, tinham tantos, de várias cores, não sabia quais escolher (Figuras 33 e 34).

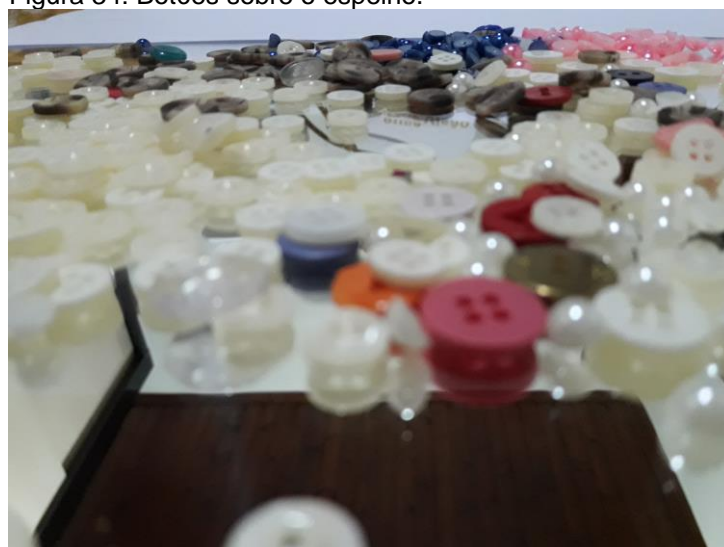
Figura 33: Botões.



Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 34: Botões sobre o espelho.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Dei uma volta, conversei com minha mãe e perguntei quais cores ela daria aos problemas dela, ela rapidamente me respondeu que daria uma cor para cada um, dependendo da intensidade de cada situação. Voltei para frente do espelho e refleti, que realmente os problemas que enfrentamos são diferentes, de importâncias diferentes, representar sua importância na cor é um pouco mais difícil, pois todas as cores são importantes, mas posso fazer isso com o tamanho dos botões, usar vários tamanhos diferentes e já usar de várias cores para chamar mais atenção do espectador. Essa parte de tamanhos e cores resolvida, preciso pensar em como vou colar esses botões no espelho. Vou jogar e colar assim mesmo? Vou organizar em formas? Vou fazer o formato de um rosto?

Fiquei confusa e comecei a olhar ao meu redor, o que tinha nas paredes, nos desenhos imaginários no teto de madeira, e percebi que muitos dos objetos que estão me rodeando e os desenhos do teto, tinham formato de círculo, relógios, retratos, vidros de creme e perfumes, muitas bolas no teto, me ajudaram a decidir como colaria esses botões na base do espelho.

Fui escolhendo aleatoriamente os botões e colocando só me preocupando em fazer círculos, fiz de vários tamanhos e cores diversas (Figuras 35 e 36). Representar os medos através desses botões, estar na frente desses medos, e ver além deles, o que você consegue ver? O que sobra de você? (Figura 37).

Figura 35: Círculo de botões.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 36: Círculos de botões.



Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 37: O que você vê?



Fonte: Acervo da pesquisadora.

## CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos apresentados esta pesquisa mostrou objetos que estão no dia a dia deslocando-os e transformando-os em objetos de arte. Mas falar de arte se torna mais difícil quando lidamos com pessoas que estão fechadas para novas propostas, quer preferem a arte que já conhecem, que não dão oportunidade para o diferente. Eu mesma tive um estranhamento com a arte contemporânea antes de conhecê-la melhor, mas depois que me aprofundei a partir de exposições, bienais, pesquisas, percebi o quanto estava perdendo em relação a essa nova arte, como ela nos dá possibilidades infinitas de expressão, de como pode ser utilizada para fazer refletir sobre tantos assuntos, abordar situações importantes para a nossa sociedade, nosso país, e sobre nós mesmos.

Segundo Canton (2009, p. 11), “Nos anos 1960, já dizia o crítico brasileiro Mario Pedrosa que a ‘arte é o exercício experimental da liberdade’.”

Tendo como objetivos desta pesquisa aproximar o público da arte contemporânea utilizando objetos que estão sempre ao nosso redor, escolhi utilizar objetos que estão comigo desde que me entendo por gente, objetos com um significado importante para mim, por estarem ligados a profissão da pessoa mais especial da minha vida, minha mãe, e ainda poder usar minhas produções como forma de reflexão compartilhando com os sentimentos dos espectadores.

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar o mundo. A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2009, p. 12).

Com esta pesquisa pude concluir que a arte está onde queremos que ela esteja, pois ela está relacionada com objetos do dia a dia e as roupas que usamos. Podemos, sim, usar coisas simples e transformá-las em arte contemporânea, você faz a sua arte e toca as pessoas de jeitos diferentes com ela, isso é o que a arte pode fazer por nós, transformação de coisas e pessoas.

## REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprogramada o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins, 2009.

BUSNELLO, Saul José; RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria. **Manual prático de metodologia da pesquisa**. Blumenau: Acadêmica Publicações, 2003.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CATTANI, Icleia Borsa. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITTES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. pp. 35-50.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem Tem Medo da Arte Contemporânea?** 1. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

COMENTÁRIO do artista | exposição Elida Tessler: gramática intuitiva. Porto Alegre: Radioativa Produtora, 2013. (2min4sec.) Son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cVFT\\_xfx4s4](https://www.youtube.com/watch?v=cVFT_xfx4s4)>. Acesso em: 25 maio 2017.

DIAS, B. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/ a/r/tografia**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013.

FARKAS, Solange Oliveira. **Catálogo da exposição, a revolução somos nós – Joseph Beuys**. São Paulo: Sesc Pompéia, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HUYGHE, René. **Sentido e Destino da Arte (I)**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KATO, Gisele. O Homem que reinventou a roda. **Revista Bravo**, São Paulo, ano 11, n. 131, julho 2008.

NERY, Roseli. **Intimidades entrelaçadas: gestos, olhares e objetos na arte contemporânea em uma experiência singular**. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais). Instituto de Artes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3636>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

